



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

COMUNIDADE E UNIVERSIDADE: PARADOXO DE SENTIDOS

Jussara Moreira*
(UESB)

RESUMO

Esse trabalho aborda alguns conceitos acerca do significado de comunidade e qual pode e deve ser o papel da Universidade dentro do sistema de relações sociais, tanto, pela relação simbólica e dialética, quanto pelo paradoxo de sentidos perpassado pelas transformações oriundas do desenvolvimento do modelo moderno capitalista. Contexto, onde o homem, o grupo e a própria comunidade habita em meio à reprodução de uma cultura dominante gerada pela indiferença que dentro da história, principalmente da educação, pela sua excelência elitizada, estabelece uma analogia de poder tanto de ordem intelectual como econômica, repercutindo em representações no imaginário social comunitário.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade, Cultura. Universidade.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho parte de um objeto de pesquisa ainda em andamento. Cujo interesse se centra em investigar se a instalação de uma Instituição pública, - no caso a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)-, pode ou não, alterar as representações identitárias, a produção simbólica e reprodução cultural da comunidade de Itapetinga (localizada no sudoeste da Bahia e com predominância de produção rural).

* Mestranda em Ciências Sociais - PUC-SP, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1996) com Especialização em Psicopedagogia (1997), atua na Educação Superior no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Itapetinga - fone: (77-3261-8600) e faz parte do NEHMEd - Núcleo de Estudos em História e Memória da Educação, na Linha História da Profissão Docente. E-mail para contato jussamoreira@oi.com.br



A partir desta problemática, o que primeiro se pesquisou teoricamente a luz da Sociologia, foi à noção acerca do significado de comunidade, tanto em uma linha histórica quanto dentro do contexto de mundialização¹³⁵. Em que se chegou a alguns sentidos paradoxais acerca do tema, cuja importância abre caminho para o esboço de uma compreensão maior sobre a integração da Universidade enquanto instituição pública, dentro do sistema de relações sociais onde está localizada.

Aprioristicamente, esse fato ocorre por um lado, pelo alcance da relação simbólica e dialética entre ambos, como pela sua constituição enquanto relação humana de afinidade de domínio intelectual. Mas, por outro lado, uma comunidade pode ter seus limites definidos pela atual interconexão entre as pessoas, onde as relações individuais e coletivas acontecem no 'ciberespaço'¹³⁶. Dentro desse contexto, uma instituição de ensino superior pode galgar novos discursos. Neste cenário, trabalhar com o conceito de comunidade se torna fruto de uma árdua e constante negociação, onde tal transação não é nem evidente e muito menos fácil.

2- A Locução do Sentido de Comunidade

Sobre este aspecto é preciso saber que nem sempre falar de comunidade é o mesmo que falar de sociedade, pois, existe uma diferença básica entre esses temas, apesar de vários teóricos usarem estes dois conceitos como sinônimos. O primeiro pesquisador que possibilitou essa visão foi 'FERDINAND TÖNNIES'¹³⁷, como nos

¹³⁵Mundialização é o conceito fecundo para a globalização, para a desterritorialização, onde tudo é explorado, onde nenhum lugar é sagrado ou profano, onde se pode estar em contato com o mundo sem sair do lugar.

¹³⁶ - André Lemos Em "As estruturas antropológicas do ciberespaço". Texto produzido para os seminários do grupo Cyberpesquisa/Facom-Ufba, em Salvador em 1996, na página nº. 1 já permite verificar que a noção mais usual do termo **ciberespaço** refere-se basicamente ao conjunto formado pelas "novas mídias" que possibilita além das ferramentas instrumentais uma nova "cultura".

¹³⁷ - Ferdinand Tönnies (1855-1936), em **Comunidades e Sociedade** empreendeu a análise dos fundamentos psíquicos das relações sociais que constituem a trama de toda a coletividade humana, introduzindo no discurso científico o dualismo comunidade (Gessellschaft) e sociedade (Gemeinschaft). (1995: p.73)



referenda Matos Olgária C. F: “Tönnies mostra o contraste entre as relações de intimidade presentes nos laços de família e de vizinhança na sociedade rural e as relações impessoais do mundo urbano e industrial. Chama a atenção para a perda de valores, como a honra, [...] e o respeito pelo passado e pela tradição” (2006: 17).

Já Maximilian Carl Emil Weber, mesmo não pontuando um estudo para se entender o conceito de comunidade, delineia uma visão em ‘A Ciência como Vocação’¹³⁸ de modernidade, que possibilita constitui um traço decisivo para tal investigação, quando coloca que: “hoje em dia só nos pequenos círculos comunitários, no contato de homem a homem, em pianíssimo, se encontra algo que poderia corresponder ao pneuma profético que abrasava comunidades antigas e as mantinham solidárias”. (WEBER, 1972: 51).

Marx (2005), por sua vez, afirmou que a economia urbana requer um processo prévio de ‘divisão social do trabalho’, que impôs ao homem moderno um padrão de exploração, e o reconhecimento das diferenças das “classes sociais”¹³⁹. Se por um lado o sistema moderno requeria homens livres, no sentido de abolir a escravatura da antiguidade ou a servidão feudalista do período medieval, por outro lado, agora que o escravo e o servo se extinguiram, nascera o homem que precisava vender a força de trabalho para outra classe, a conhecida como “burguesa”¹⁴⁰, e ainda era preciso que essa estivesse disposta a comprar e usar essa força de trabalho. Para o autor é apenas dentro de uma comunidade urbana, que estes dois novos atores sociais se encontram e interagem.

¹³⁸ - Parte de discussão contida na obra **Ciência e Política: Duas Vocações**. São dois ensaios que Weber pontua cada uma das dimensões que abre para o homem moderno: a lógico-teórico-reflexiva para o pesquisador e a carismático-burocrático-pragmática para o político.

¹³⁹ - Para Marx, em praticamente toda sociedade, seja ela pré-capitalista ou caracterizada por um capitalismo desenvolvido, existem diferenças de classe, onde uma é dominante e outra dominada. “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes.” (MARX & ENGELS. 2005: 40)

¹⁴⁰. Marx denominava a **burguesia** como uma **classe social detentora dos meios de produções** e detentora da força de trabalho do proletariado. A palavra Burguesia deriva das vilas conhecidas durante a idade média de Burgos.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Nesta acepção, também para Marx, a conjuntura moderna deixa o espírito de comunidade no sentido tradicional, para se tornar um aparato do mercado, pois a comunidade do período industrial representa o poder capitalista, ela também representa o encontro de indivíduos que compartilham as condições mais fundamentais de “alienação”¹⁴¹ do homem: já que:

Essa falta de segurança distingue a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de consolidarem. Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens. (Marx & Engels. 2005: 42).

Marx e Weber são teóricos que traz uma fundamental importância, para a verificação da relação histórica ao papel da comunidade, desde o momento da ordem pré-capitalista até o modelo efetuado pelo centro de poder exercido pelo capitalismo, pois para ambos: “por razões diversas, as mercadorias passam a ser ativas e o indivíduo se isola e se fragmenta pela divisão social do trabalho. a especialização do trabalho e sua automação reduzem o homem a um apêndice da máquina, fazendo-o repetir o mesmo gesto, vazio de significado.” (MATOS, 2006: 18).

Sendo posto, através destas análises pode se perceber que as idéias de comunidade no mundo contemporâneo, em seus formatos tradicionais, sofrem incontrolável processo de esvaecimento e perpassa por um alto poder coercivo, normativo e utilitário. Onde a locução 'comunidade' nunca foi tão indiscriminadamente

¹⁴¹ Em “Os *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Karl Marx procurou demonstrar a injustiça social que havia no capitalismo, afirmando que se tratava de um regime econômico de exploração, sendo a mais-valia uma grande arma do detentor do capital.



utilizada. Como pode se citar quando se fecha os blocos capitalistas como, por exemplo: 'comunidade européia'¹⁴².

Como observou recentemente Eric Hobsbawm, "a palavra Comunidade nunca foi utilizada de modo mais indiscriminado e vazio do que nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico passaram a ser difíceis de encontrar na vida real", e comentou que "homens e mulheres procuram por grupos a que poderiam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca em que nada é certo" (BAUMAN, 2003: 20).

Portanto, "a comunidade existente"¹⁴³ é a condenada ao fadário do mito de "Tântalo"¹⁴⁴, como deu a entender Bauman (2003), pois aumenta sempre os temores humanos, já que em lugar da segurança desejada por pertencer a uma comunidade, o que se tem é o outro, aquele que detém o poder seja econômico, cultural, intelectual e, etc. Sobretudo, porque na atualidade o sentido de 'comunidade'¹⁴⁵ perpassa por questionamentos de diversas ordens de percepção, onde o interesse se centra em conhecimentos, herança de um processo técnico-científico, que ligou o homem diminuindo as distâncias geográficas em fração de segundos, onde se: "retrata o

¹⁴² - A UE (União Européia) é um [bloco econômico](#), político e social de 15 países europeus que participam de um projeto de integração política e econômica.

¹⁴³ - Z. Bauman aponta em A Agonia de Tântalo que "comunidade significa entendimento compartilhada do tipo natural e tácito ela não pode sobreviver ao momento em que o entendimento se torna autoconsciente, estridente e vociferante; quando para usar Heidegger, o entendimento passa do estado de *zuhanden* para o de *verhanden* e se torna objeto de contemplação e exame." (2003 p17).

¹⁴⁴ - Casado com Dione e Filho de Zeus, Tântalo era em Sípilo. Amado pelos deuses, que permitiam a sua presença nos banquetes divinos. Essa convivência fez com ele se nivelasse aos deuses. A sua vaidade o levou a roubar o néctar e a Ambrósia dos deuses e entregar aos mortais, revelando os segredos dos deuses, para testar a onisciência dos deuses, cometeu um crime terrível: matou seu próprio filho, Pélops e serviu sua carne em refeição para os deuses, aspirando abandonar totalmente sua condição terrestre. Os deuses perceberam, ressuscitaram Pélops e castigaram Tântalo da seguinte forma: em um lago, ele ficou preso com o nível da água até o seu queixo, uma sede muito forte o incomodava, mas ao tentar beber a água, o nível dela abaixava e ele nunca conseguia bebê-la. Atrás de Tântalo, belíssimas árvores carregadas de frutas tinham galhos que chegavam sobre sua cabeça, quando ele movimentava-a para cima, um vento forte afastava os galhos cheios de frutas para longe, impossibilitando Tântalo de matar sua fome. Piorando seu sofrimento, ainda havia um rochedo suspenso no ar e localizado acima de sua cabeça, deixando-o com um terrível medo da morte.

¹⁴⁵ - **Comunidade** tem a sua origem do latim *communitas*, (cum mais unitas) que trás como significado quando muitos integrantes formam uma unidade.



desenvolvimento da modernidade como rompendo as velhas formas de ‘comunidades’, em detrimento das relações pessoais nas sociedades modernas.” (GIDDENS, 1991: 118). Isto relembra Durkheim (1973) que em seus estudos demonstrou haver duas formas de solidariedade social e ambas podem ser constatadas. A primeira seria “a solidariedade mecânica”¹⁴⁶ típica do período pré-capitalista, onde os indivíduos se identificavam através da família, da religião, da tradição, dos costumes. Neste contexto, a coerência e a essência era a base, porque os indivíduos reconheciam os mesmos valores, os mesmos conceitos de sagrado, as mesmas paixões por pertencer a uma coletividade.

A segunda forma, pelo legado de Durkheim (1973) pode ser perfeitamente vislumbrada no período moderno, a “solidariedade orgânica”¹⁴⁷, característica das sociedades capitalistas, onde, através da divisão do trabalho social, os indivíduos se tornaram independentes, garantindo, assim, a união social, não mais pelos costumes, tradições ou alianças etc. Neste modelo, os indivíduos são diferentes mais extremamente necessários.

Assim, o efeito mais importante da divisão do trabalho para Durkheim (1973), não é o aumento da produtividade, mas a solidariedade que gera entre os homens. Só a partir deste aumento de produção, e, por conseguinte o aumento do consumo, que fortaleceu a cultura gerada pela indiferença, individualização e especialização, hábitos de uma sociedade que perdeu o sentido de comunidade enquanto alma “mecânica”, sendo impetrada apenas dentro de uma visão consumista do progresso, onde tudo pode ser edificado e destruído a qualquer momento.

Tempo esse que não existe memória histórica, já que as histórias ganham substituições, sem perspectiva de passado ou futuro. Sendo posto, as sociedades dominadas pela “solidariedade orgânica” convivem com a redução da “consciência

¹⁴⁶ -Sobre isto buscar **Solidariedade mecânica ou por similitude** em: Da Divisão do Trabalho Social de ÉMILE DURKHEIM – 1893.

¹⁴⁷ - Para maior esclarecimento investigar **A solidariedade orgânica ou devida à divisão do trabalho** em: Da Divisão do Trabalho Social de ÉMILE DURKHEIM – 1893.

coletiva”¹⁴⁸, e vai perdendo: “os compromissos que tornariam ética a Comunidade”. (Bauman, 2003: 57).

Esse fato foi resultante das conquistas modernas, tanto pelo processo de desenvolvimento das tecnologias e da ciência, como pela intensificação da circulação de mercadorias e de pessoas. O que vai gerar uma nova cultura.

Nomeadamente quando se aborda temas relativos a uma realidade de uma comunidade “local” em seus desdobramentos culturais históricos e contemporâneos, a de se concordar, que a construção de certas imagens, visões, procedimentos e costumes ocorrem com tanta intensidade que acabam sendo incorporados pelas populações, passando a ser considerados, parte de sua própria tradição.

Por isto não existe dentro de uma comunidade cultura boa ou ruim, o que apresenta são diferenças culturais, como também, intercessões entre elas. de ‘significados’¹⁴⁹ e ‘significantes’¹⁵⁰ para o ser humano, mas ela também, pode ser definida a partir da perspectiva da existência de relações de solidariedade e de confiabilidade entre os indivíduos, grupos e coletivos, inclusive a capacidade de mobilização e de organização de ações comunitárias, impondo um senso de responsabilidade da própria humanidade sobre seus rumos e sobre a inserção de cada um no todo. “É por isso que eu escrevi sobre nacionalismo, violência, identidade,

¹⁴⁸ DURKHEIM, na obra **Da Divisão Do Trabalho Social** -1893 diz existir, uma **consciência coletiva**, bem maior do que uma simples soma das consciências individuais dos componentes de uma sociedade onde coabita: “O conjunto de crenças e de sentimentos comuns entre os membros de uma mesma sociedade, forma um sistema determinado que tenha sua vida própria; podemos chamá-la de consciência coletiva ou comum”. Sem dúvida, ela não tem como substrato um órgão único; é, por definição, difusa, em toda a extensão da sociedade; mas não deixa de ter caracteres específicos que fazem dela uma realidade distinta. Com efeito, é independente das condições particulares em que os indivíduos estão colocados. Eles passam, ela permanece. É a mesma no Norte e no Sul, nas grandes e nas pequenas cidades, nas diferentes profissões. Da mesma forma, não muda em cada geração, mas ao contrário, liga uma as outras gerações sucessivas. Portanto, é completamente diversa das consciências particulares, se bem que se realize apenas entre indivíduos. Ela é o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, tudo como os tipos individuais, embora de outra maneira. (p. 342)

¹⁴⁹ - Palavra equivalente no mesmo ou em outro idioma. É a representação, na linguagem do significante. **Significado** corresponde ao conceito ou à noção, ao passo que o significante corresponde à forma.

¹⁵⁰ - É a parte fônica, a imagem acústica de um fonema provido de significação. O significante tem um código informativo. Para maior esclarecimento ver **SAUSSURE Ferdinand** -(1857-1913) em **Curso de Linguística Geral**, publicado pela Editora Cultrix em 1995.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

etnicismo, urbanização, status, a morte, o tempo e, principalmente sobre (...) colocar essas coisas em alguma espécie de estrutura compreensiva e significativa". (GEERTZ, 1989: 21)

Geertz (1989) então permitiu finalmente entender que a cultura perpassa, por um sistema simbólico, não apenas enquanto mito, mas tem um papel preponderante de desempenho na vida social, alertando apenas que deve ser adequadamente estudado, numa tentativa de esclarecimento sistemático do próprio conceito cultural em suas relações com o comportamento real de indivíduos e grupos.

Pois quando se observa os simbolismos implícitos nas ações sociais, ou seja, na arte, política, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum, não tem como afastar dos dilemas relacionados às questões existenciais, ao contrário, se instala em meio a eles. Onde as relações imaginárias sociais, possibilita ao próprio indivíduo a construção do conceito cultural, não como aquilo que só pertence ao outro, ou que é imposta, mas dentro de suas relações com o real.

Igualmente, uma comunidade pode ter seus limites definidos de acordo com características que a ordene seja no local ou no global, dentro desta ótica, a importância parte dos processos que ligam os indivíduos as instituições e a partir dessa, perceber quais são os fenômenos que ocorrem quando vários indivíduos que se encontram em grupos de tamanhos diversos.

Quando se fala de analisar os fenômenos grupais, seja ele dentro ou fora de qualquer organização, implica em uma questão paradoxal, pois por um lado, quando se vive em comunidade, sentido mais tradicional, espera dela, culturalmente o lugar da segurança onde os laços por proximidade local, parentesco, e principalmente a solidariedade de vizinhanças, seriam a base dos relacionamentos consistentes.

Por outro lado, também é entender que dentro de qualquer grupo humano, dentro da cultura atual mundial, coabita a vida individual, envolta em riscos, trazidos pelos ambientes vigorantes do aumento de bens e mercadorias fatores preponderantes



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

após o advento do capitalismo moderno, que vai transformando completamente o sentido de comunidade e portanto da sua própria construção cultural.

Causa que pode levar a priori, uma instituição de ensino superior, em uma comunidade local, influenciar diretamente na construção da identidade, como da cultura comunitária, pois, ao inserir a comunidade no mundo global, possibilita o desenvolvimento da produção econômica, o alargamento tecnológico e o processo de comunicação.

2- A universidade e a sua inserção dentro da comunidade

Na história da educação sempre se enfatizou a Universidade, em sua acepção educacional, e qual deve ser a integração desta, dentro de uma comunidade, que objetivamente segue o modelo capitalista, conseqüentemente, ideário de progresso, legado moderno. Haja vista, que historicamente a educação formal (escola) enquanto fator de busca de igualdade foi: “A maior inovação introduzida pelo iluminismo acerca do poder emancipador e utópico. [...] Foi somente a partir do iluminismo que a base do verdadeiro conhecimento passou a ser a razão, a qual, graças a seu poder de reflexão, pode fornecer ao homem critérios seguros para orientar sua ação”. (MÜHL, 2003: 223-224).

Só que do ideal Francês liberal, mesmo sendo inegável que a humanidade tenha realizado grande conquista, especialmente no plano científico e tecnológico, padronizar a todos em um único nível, onde a maioria dominada é reduzida aos anseios de uma minoria dominante é produzir a idéia de homem-“massa”¹⁵¹. Fato confirmado por ADORNO e HORKHEIMER, quando conceituam que a sociedade de massa é também uma sociedade totalitária, porque os dominados não percebem até onde vai essa dominação, para tanto, criticam a “indústria cultura”, apontando que a mídia transmite uma cultura que nega uma formação de maneira que a educação é um

¹⁵¹ - Teoria da indústria da cultura, desenvolvida pelos teóricos da [Escola de Frankfurt](#): [Theodor W. Adorno](#), [Max Horkheimer](#). Segundo estes autores, **as massas** são dominadas por uma indústria de cultura que obedece somente à lógica do [capitalismo](#).



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

processo si non qua non enquanto fator de poder de uma elite. Sendo posto: “A luta contra a cultura de massa só pode ser levada adiante se mostrada a conexão entre a cultura massificada e a persistência da injustiça social”. (MATOS. O, 1995: 70).

Sendo assim, o que realmente pode se esperar da educação, especialmente de uma instituição como a universidade, dentro de um mundo globalizado e ao mesmo tempo excludente, por possuir contextualização neoliberalista, onde se vincula tudo a economia? A única resposta satisfatória a priori é que essa instituição possa levar a possibilidade de fazer chegar a sua comunidade a reflexão, ou seja, sua função deve ser de conscientizadora e a partir daí, se for possível contribuir para a própria emancipação social.

Como um primeiro dado, quando se trata do campo econômico, é possível falar que uma instalação de uma Universidade afeta diretamente o desenvolvimento da comunidade local. Seja pela formação do ‘capital humano’, pelas realizações de pesquisas ou pela própria questão financeira para a manutenção de suas atividades.

Pois se dentro da perspectiva da ordem mundial, a formação do capital humano e a pesquisa são inerentes a sua própria existência, e atendem não só a comunidade na qual está alojada a instituição, mas também, serve para o desenvolvimento econômico de forma disseminada por todos os lugares de uma nação; outro fator é o custeamento com funcionários, professores e despesas de estudantes de outras localidades, isto acaba por constituir em uma fonte de renda para a economia local, podendo trazer um desenvolvimento financeiro. “Neste contexto é que deve ser entendida a constatação que formulava Theodore W Schultz, [...] governo e particulares não só deveriam “investir” em educação mas também reconhecer o valor econômico do saber.” (GENTILI, 1998: 105)

A partir de reflexões como esta, começou a circular no circuito educacional discursos, vinculando esses, ao problema do desenvolvimento do capital. A origem foi a partir da segunda metade da década de 1980, ainda timidamente, sob o pretexto da crise



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

do fordismo e da implantação de novas bases técnicas do sistema produtivo, a educação (ou a falta dela de uma maneira sistematizada) passa a ser nomeada como responsável pelo sucesso ou fracasso no alargamento das forças produtivas. O apelo freqüente à relação determinista entre empregabilidade, eficiência e competitividade.

Denota, nessa formação discursiva, o esforço pela ocultação das outras dimensões que devem ocorrer dentro do processo educativo, fatores que possibilitam entender o processo que pode acontecer a partir de uma inserção de uma universidade dentro de uma comunidade. Mesmo, sabendo que através de sua produção simbólica, interna e externamente, assume uma relação social de poder entre as diferentes formas do capital, mas o que realmente ocorre é que: Estou preocupada com o modo pelo qual somos sociais, o modo pela qual a base econômica, material da sociedade brasileira determina o que se passa no nosso trabalho, o modo como a fragmentação, a dispersão, a terceirização são produzidas e reproduzidas por nós aqui. Fazer dessas questões um de nossos temas de pesquisa fará com que não nos coloquemos numa atitude meramente defensiva, mas combativa. (...) de tal modo que o ensino e a instituição universitária sejam simultaneamente agentes e produtos da ação de conhecimento que engendra o sujeito. (CHAUI. M, 2001: 171)

Diante dessa postura, uma das concepções da qual deve ser o papel da universidade perpassa por saber que:

Queremos uma universidade onde se torne possível e habitual trabalhar, refletir a nossa realidade histórico-geográfica nos seus níveis social, político, econômico e cultural, desde a esfera mais próxima, o município, a micro-região, o Estado, a região, o País, até as esferas mais remotas, o continente latino-americano, o terceiro mundo, o planeta. Estar atentos para os desafios dessa nossa realidade e estudá-los é a grande tarefa do corpo universitário. (Luckesi, 1991: .42



Diante disto, resta então, constatar, que dentro da história da humanidade, principalmente a partir da era moderna, duas vertentes foram apontadas como legitimadoras para o exercício da cidadania que são: a educação e a Cultura, pois, dessas dependem, o grau de qualidade de vida da população.

3- Uma conclusão ainda inconclusa

Ao longo destas páginas a grande preocupação que se centrou foi buscar o entendimento porque ordem perpassa hoje, o sentido de comunidade e a ação universitária dentro dela. Com isto, cabe renunciar a possibilidade de idéias estanques e estáticas a respeito deste tema, pois a partir da verificação de como se dá as configurações dentro de uma realidade social oriunda de uma visão capitalista, o sentido de comunidade apontou novas possibilidades. Como:

- Existe ainda uma comunidade dentro da atualidade que permite o anseio de ocupação de uma pesquisa que tenta apontar suas dificuldades, mas ainda assim sua manutenção, enquanto organização que mantém os laços de afetividade entre os seus membros? E,
- Como de fato ela se relaciona com as instituições que fazem parte do seu cotidiano?

Essas são questões que serão consideradas com o processo de pesquisa e aprofundamento de novos estudos. Pois, por ora, urge se considerar é preciso em primeiro lugar, buscar pesquisas que perpassem pelos processos de interdependência entre elementos como: cultura, identidade, sociedade, indivíduo, educação, economia, política e história.

E em segundo lugar, é conceber que o século XXI tem se revelado como o momento do conhecimento de ordem acadêmica, como base conscientizadora, principalmente da grande problemática contemporânea, que é o poder mundial redirecionado para países que dominam as novas tecnologias e, por isto mesmo, capaz de causar impactos



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

devastadores nos mercados internacionais e na relação cotidiana de uma comunidade seja de ordem local, regional ou mundial.

Neste contexto, equivale conjecturar que a crescente conexão entre meios de comunicação em geral e a pluralidade de culturas, junto a uma multiplicidade equivalente de concepções do mundo, criam condições, para que a universidade não só possa interagir, mediante ao seu papel funcional, mas também trazer reflexões para uma verdadeira re-visão de qualquer pensamento tradicional acerca do tema comunidade.

REFERENCIAS

- Bauman, Z. Comunidade. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.
- Benjamin Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Vol. 1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Bourdieu, Pierre (1980) 'O capital social - notas provisórias'. In: Nogueira, M. A. (org.) Pierre Bourdieu: Escritos de Educação. Capítulo III. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- Comunidade Européia. [s.i.] Disponível em <http://www.suapesquisa.com/uniaoouroepeia/> acesso 20 de junho de 2007.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. O mal-estar na universidade: o caso das humanidades e das ciências sociais. In: Escritos Sobre a Universidade. SP. Editora UNESP, 2001
- Durkheim, Émile. Da Divisão do Trabalho Social. In: Os Pensadores Auguste Comte: Curso de Filosofia Positiva - Discurso Sobre o Espírito Positivo - Catecismo Positivista. Émile Durkheim: As regras do Método Sociológico e outros textos. Tradução: Miguel Lemos Ed. Abril Cultural - São Paulo - 1973.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas, Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GIDDENS, Anthony. As Conseqüências da Modernidade. Tradução Raul Fiker, 5ª Reimpressão. SP. Editora UNESP, 1991.
- Gentili, Pablo. Continuidades e Rupturas: rumo a um neo-economicismo da Educação. In. A Falsificação do Consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo. Petrópolis. Rio de Janeiro, 1998.
- Lemos André Em "As estruturas antropológicas do ciberespaço". Texto produzido para os seminários do grupo Cyberpesquisa/Facom-Ufba, em Salvador em 1996.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

-
- LUCKESI, C. Carlos e et. al. Universidade – Criação e Produção de Conhecimento. In: Fazer Universidade: uma proposta metodológica. São Paulo. Cortez, 1991.
- KURY, M. G. – Dicionário de Mitologia Grega e Romana. 5ª ed. Rio, Jorge Zahar, 1999.
- MARX, Karl, Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo. Boitempo, 2004.
- ____ do capítulo I: A Mercadoria. In: O Capital. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira 1974
- MARX, Karl & ENGELS, Manifesto Comunista. Tradução Álvaro Pina. São Paulo. Reimpressão: Boitempo, 2005.
- MATOS, O. C. F. Discretas Esperanças: Reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.
- ____. Conclusão: indústria cultural versus imaginação estética. In: A Escola de Frankfurt: Luzes e Sombras do Iluminismo, São Paulo. Editora Moderna, 1995
- MIRANDA, Orlando de. (org.). "Comunidade e sociedade (textos selecionados)". Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Edusp, 1995.
- MÜHL, Eldon H. A educação Iluminista: as premissas de uma educação emancipatória? In. Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo. Passo Fundo: UPF, 2003.
- RHEINGOLD, Howard. The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier. Perseus, 1993. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/2.html>>, acesso 02 de junho de 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand. Curso de lingüística geral. Conferências em Campo Grande. Cultrix. São Paulo, 1995
- WEBER, Max. A ciência como vocação. In: Ciência e política, duas vocações. São Paulo, Cultrix, 1972.